

Fausta Cardoso Pereira

Bom Caminho

Para o Ricardo, a Inês, todas as pessoas
que me acompanharam no Caminho
e as que fui encontrando no processo
de escrita deste livro.

Índice

Início	13
Ser do contra.....	15
O Caminho é de quem o quiser	29
Prioridades	51
Zona de desconforto	67
O essencial são as setas	79
O essencial é ir devagar	91
O essencial são os outros.....	105
O essencial é <i>Ultreya!</i>	121
Bibliografia e pistas para o Caminho Português	139

- Vais pelo Caminho ou vais pelo passeio?
- Vou por uma série de razões.
- Então vais pelo Caminho.

Início

Este livro é o último empurrão para a viagem. Um exercício que tem como objectivo ser intrusivo: levar ao Caminho todos os que sentem um batimento cardíaco descompassado quando ouvem falar no Caminho de Santiago de Compostela.

É o relato de uma parte do Caminho Português, um troço a partir de Valença do Minho, que muitos portugueses fazem, antes de mergulhar num percurso maior, mas também porque a afinidade é demasiado óbvia para ser descolada e atribuída ao roteiro mais célebre, o Francês.

Não se trata de um guia, com descrições apenas contemplativas, das aldeias, monumentos, paisagens. É antes uma exposição dos desassossegos que fazem recuar todos os que ainda não conseguem medir as doses de entusiasmo, de medo e, por isso, ordenam uma série de desculpas para evitar zonas cinzentas, cheias de sombras e de desconforto.

Estendo as minhas dúvidas, todas as argumentações que entreguei a mim mesma e aos outros, a preparação física e a

carga que me acompanhou. Depois, os detalhes, reconhecidos por quem já foi peregrino até Santiago – independentemente da rota.

Qualquer peregrinação depende do ponto de partida, do estado de alma de quem vai, e terá sempre um resultado individual. E nem todos precisam de ir. Mas, para aqueles que gostavam de fazer o Caminho, confesso-me. Afinal, não estão sozinhos nas suas inseguranças. Espero que este diário de bordo as diminua. Contudo, é importante começarmos bem esta relação entre autor e leitor. Aviso desde já: é impossível eliminar as inseguranças por completo. Existirá sempre um nível de risco que é necessário acomodar, aceitando-o como inerente a uma experiência nova. Todos os peregrinos o sentem; todos o superam.

Bom Caminho!

Ser do contra

O Caminho começou muito antes de fechar a porta de casa. Foi-se desenhando na minha cabeça e ganhou a forma de um enorme impulso que senti em sair. Comecei então por levar a sério a ideia de fazer o Caminho Português de Santiago de Compostela e estava muito longe de perceber a complexidade – já para não falar do esforço físico – da opção que tinha acabado de tomar. O que estaria a chamar por mim? O carácter religioso? O passeio? O desporto ou o desafio? Talvez nada disto ou tudo isto misturado. Numa sociedade repleta de abundância, de conforto, é difícil explicar por que é que, de um momento para o outro, alguém decide ir em peregrinação, em sofrimento, até um destino com bons acessos de transporte e ao qual se chega em poucas horas. Portanto, enquanto procurava respostas às minhas perguntas, respondi a todos os que temiam que eu fosse pagar uma promessa por ter uma doença terminal, por andar perdida em busca do sentido da vida ou por ter sido possuída pelas teorias *New Age*.

Depois de explicar, várias vezes, que não iria pagar uma promessa nem me tinha tornado, de um momento para o outro, devota do apóstolo Santiago Maior, cujas relíquias descansam na Catedral de Compostela, agarrei-me a uma teoria que adaptei, com o devido respeito pelo autor. Charles Handy escreveu que o trabalho não deveria ser só trabalho, mas, antes, uma oportunidade para as pessoas experimentarem actividades diferentes, com o objectivo de lhes permitir descobrir outros aspectos na sua personalidade¹. Esta ideia pode ser aplicada à vida, inspirando uma verdadeira filosofia de desenvolvimento pessoal a vários níveis, muito para além do aspecto meramente profissional. E, assim, procuro maximizar, ano após ano, os vinte e dois dias úteis de férias que o Código do Trabalho prevê, diversificando as minhas escolhas, na expectativa de encontrar novas aprendizagens. Deste ponto de vista é mais fácil justificar uma peregrinação do que qualquer destino de pacote, ao qual é preciso apenas juntar uma toalha de praia e muito protector solar.

Para percorrer o Caminho Francês, mais emblemático, é necessário cerca de um mês. Como muitas pessoas, tenho dificuldade em ausentar-me do trabalho por um período tão longo e, assim sendo, optei pelo Caminho Português de Santiago, com etapas mais pequenas e cuja logística de transporte me permitiria, numa semana, sair do Minho e chegar à cidade de Santiago de Compostela, sem contudo perder a história, a organização

¹ Charles Handy, *The Empty Raincoat*, Arrow Business Books, Grã-Bretanha, 1995.

e a simbologia associadas a esta peregrinação. Eu queria absorver tudo isto, não para anunciar *eu vi*, mas antes *eu aprendi*.

Andrew Evans é um jornalista que percorreu os Estados Unidos e a América Latina em camionetas até chegar à Antártida¹ e por isto tem toda a legitimidade para afirmar o quanto se perde pelo caminho se a opção for sair de um aeroporto em direcção a outro. No seu caso, teria perdido todas as experiências na Colômbia, Guatemala, Chile, mesmo as mais incómodas, como as cheias que provocaram o aumento do caudal dos rios e interromperam as estradas na Bolívia. Agora escreve sobre o assunto e relata com orgulho ter aprendido, com o espírito de entreajuda dos vários passageiros bolivianos, como desatolar camionetas da lama. Num único dia, teve de o fazer cinco vezes.

Em qualquer dos casos, seja na mensagem de Andrew Evans, seja na minha opção pelo Caminho, ambos partimos do pressuposto de que se ganha muito mais se não tivermos a ambição de saltar etapas.

Procuro sempre que os destinos passem por mim, ao invés de ser eu a passar por eles. Por isso saio da rota das agências de viagens para arriscar programas bem diferentes dos recomendados pelos guias da American Express. O meu objectivo não é o de recolher carimbos para o passaporte ou de tirar fotografias com os animais mais exóticos. Até em Paris, Madrid, Londres, posso sair do habitual, para descobrir apontamentos capazes de diferenciar as minhas viagens das dos outros. Sigo

¹ *Bus2Antarctica*, National Geographic Traveler, Setembro de 2010.

sempre o mesmo modelo: provooco o desconhecido e, depois, deixo as coisas acontecer. Assim, embora fosse fazer uma peregrinação, os meus motivos não eram religiosos e por isso o meu papel não era tanto de peregrina, mas antes de viajante pelo Caminho de Santiago.

O argumento não satisfaz os mais curiosos ou persistentes. Como é possível encontrar, numa prova de esforço físico e, após um ano inteiro de trabalho, o merecido descanso? Não haverá aqui uma contradição? Aconselharam-me a desistir porque não poderia levar tudo a que estou habituada dentro de uma mala de viagem, tendo de transportar, apenas com o meu corpo, o indispensável para vários dias de caminhada. «Tu és fraca»; «Vais passar fome»; «Vais ficar doente»; «Não te metas nisso». Os meus amigos que receram que eu sofresse de uma doença, já não tinham dúvidas. Era mesmo verdade e ela tinha um nome: masoquismo.

Em síntese: eu queria ir em peregrinação a Santiago de Compostela, transportando tudo o que preciso com a (pouca) força do meu corpo, esperava descansar a mente e, apesar do cansaço físico, esta era a minha ideia para as férias. As pessoas normais – as que não são masoquistas – viajam até ao Sul do país, ao estrangeiro, visitam museus, descobrem novas capitais, praias, fazem excursões e procuram distrações onde é legítimo gastar o dinheiro ganho num ano de trabalho – ou a pagar em suaves prestações. Estes dias têm de ser fantásticos porque são uma recompensa e a prova de que foram bem passados está no bronze, nas histórias e carimbos no passaporte.

No meio de tantos planos, fusos horários, compromissos com amigos e familiares, algumas pessoas acabam as férias com a necessidade de tirar mais dias, para recuperar de toda a logística e agitação¹. Não será isto uma nova forma de sofrimento, de desgaste, de *stress*?

Tenho uma amiga que no mês de Agosto abandona a cidade em direcção à praia de Armação de Pêra e leva o *stress* como passageiro clandestino. Todos os anos, levanta-se mais cedo durante quinze dias, para fugir às filas de trânsito – que abandonaram a capital do país, também, rumo às praias do Sul – e encontrar facilmente lugares para estacionar o carro, o chapéu-de-sol e quatro toalhas. É apenas ela, o marido e o filho, mas a quarta toalha cria uma barreira, impedindo outras famílias de invadirem um território, cujas dimensões tendem a encolher à medida que as horas vão passando. Ao almoço e ao jantar, enquanto espera pelo empregado e depois pelo pedido, vai ganhando úlceras nervosas e, ainda assim, repete este programa todos os anos. Qualquer incómodo é ignorado porque os intervalos de preguiça ao sol são o suficiente para esquecer tudo, principalmente a *password* de acesso ao computador do trabalho. Mas eu não poderia ignorar o desgaste físico e, também, psicológico durante a minha peregrinação. É de tal forma evidente que seria muito estúpido invocar desconhecimento.

Todos os dias, imaginava-me a coser bolhas nos pés, com uma linha que nunca seria suficientemente fina para evitar

¹ Benenden Healthcare Society, *Counting the Cost of Holidays*, Setembro de 2006.

dores. Sentia já os tornozelos como se tivessem sido substituídos por troncos de sequóias milenares e, para além de possíveis contusões, preocupava-me a eventual inexistência de postos médicos no Caminho. Era isto que me passava pela cabeça e não tanto a falta do secador do cabelo, do hidratante ou do segundo par de sapatos para sair à noite. Estava com medo da violência física que iria infligir a mim própria e estas imagens pioravam de dia para dia, como se já tivesse começado a andar.

A Liliana, uma amiga que após o Caminho Português de Santiago percorreu o Caminho Inglês, confessou-me ter feito a peregrinação porque se sentia atraída pela ideia de andar vários dias seguidos. As caminhadas a que estava habituada eram longas, mas nunca passaram de um dia e por isso, terminado o percurso, regressava a casa, a um ambiente conhecido, confortável e preenchido de rotinas. É evidente que esta motivação a levaria a um sofrimento maior, mas ela parecia procurá-lo, como se fosse um elemento fundamental para dar o salto qualitativo no seu portfólio de experiências.

Na verdade, a ideia de peregrinação está associada a um objectivo, alcançado através de provas de sacrifício. Na Idade Média os peregrinos procuravam o perdão e a salvação; nos tempos de hoje, pagam promessas ou aventuram-se pela busca do espiritual e da boa forma física. Qualquer que seja o credo, motivo ou objectivo, o sofrimento é inerente e invade a cabeça dos peregrinos com um exército de armas, capaz de abafar o rufar de tambores que o espírito quer tocar. Mas ele é também

o meio que permite alcançar determinado fim, o pressuposto de que estamos vivos, e exige aceitação e preparação. Perguntei-me várias vezes se seria uma pessoa com coragem para encarar a dor, o cansaço, se seria crescida o suficiente para tratar das feridas e persistir caminhando. Repeti sempre a mesma resposta: só vou saber se fechar a porta e me puser ao Caminho.

Continuei com dificuldade em satisfazer a curiosidade dos meus amigos. As perguntas «Porquê?», «Qual o objectivo?», «Não é melhor ir de carro?», tantas vezes repetidas, sentaram-me no banco dos réus, como se estivesse a ser interrogada por pessoas que não queriam perceber que o importante em Santiago de Compostela não é a cidade, mas, antes, a forma como se chega até ela. Precisava de encontrar novos argumentos e iniciei um processo inverso. Chegou a minha vez de fazer perguntas: O que vos mete tanto medo?

Encontrei, na hesitação inicial dos interrogados e nas entrelinhas das respostas, a existência de dois tabus, qualquer um deles com inspiração nas mensagens publicitárias espalhadas nas revistas, no cinema, na Internet, na televisão e em tantos outros espaços físicos ou virtuais. E, ao mesmo tempo que desconstruía cada um destes tabus, dei por mim a contrapor com raciocínios que completavam os motivos pelos quais escolhi fazer o Caminho de Santiago. O que parecia afastar a maioria das pessoas era exactamente o que eu procurava.

